



## O histórico papel do Jornal de Santa Catarina na cobertura das enchentes do Vale do Itajaí<sup>1</sup>

CARDOSO, Moisés (Mestrando)<sup>2</sup>

REIS, Clóvis (Doutor)<sup>3</sup>

FURB/SC

**Resumo:** Esta pesquisa analisa o papel do Jornal de Santa Catarina, com sede em Blumenau (SC), na cobertura das principais enchentes ocorridas no Vale do Itajaí, região do Estado historicamente assolada por desastres de forte impacto econômico, social e ambiental. Com 42 anos de história, o veículo detém vários prêmios nacionais de jornalismo pela qualidade do seu trabalho, incluindo condecorações pelo relato realizado durante as cheias. O jornal surgiu com a ambição inicial de ter circulação nos principais centros urbanos do país, mas a trajetória mercadológica o levou à segmentação e à regionalização, focada no entorno de Blumenau, maior município da mesorregião. A partir da análise dos dados, é possível observar que ao longo dos anos o jornal experimentou uma modernização no que se refere à cobertura das tragédias, com o emprego intensivo de tecnologias que permitem romper as barreiras do tempo e do espaço durante as intempéries climáticas da região. Tais condições estabelecem novos paradigmas para o jornalismo na cobertura de desastres ambientais, assim como seus desdobramentos, influenciando no cotidiano da sociedade.

**Palavras-chave:** Jornal de Santa Catarina, enchente; jornalismo; Vale do Itajaí, desenvolvimento regional.

### Blumenau e a ligação com a imprensa

O jornalismo impresso em Blumenau iniciou em 1850, antes da fundação da colônia. Seu colonizador, Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, utilizava da mídia impressa para comunicar nas metrópoles europeias as ações realizadas na região Sul do Brasil. Os jornais serviam como ferramenta de comunicação entre os colonos e a família e amigos de sua terra natal, os animadores da imigração financiavam algumas publicações, por diferentes interesses (SILVA, 1977, p. 3). Entre os anos de 1961 e 1970, o município teve seu clímax do jornalismo impresso com 44 novas publicações. Tal crescimento deve-se ao fortalecimento do comércio, da indústria e a crescente população. Esse cenário deu origem à imprensa operária, jornais das fábricas, que “eram uma estratégia para distrair a classe operária dos acontecimentos nacionais” (PETRY,

---

1 Trabalho apresentado no GT de História do Jornalismo, integrante do 5º Encontro Regional Sul de História da Mídia – Alcar Sul 2014.

2 Mestrando em Desenvolvimento Regional, jornalista e publicitário, professor do Departamento de Comunicação da Universidade Regional de Blumenau (FURB) – [beiocardoso@gmail.com](mailto:beiocardoso@gmail.com).

3 Doutor em Comunicação, jornalista, professor do Programa de Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento Regional da Universidade Regional de Blumenau (FURB) – [clovis@furb.br](mailto:clovis@furb.br).



2006, p. 9).

A cidade foi pioneira nas comunicações, teve a primeira rádio e televisão do Estado (Rádio Clube de Blumenau, em 1929; TV Coligadas, em 1969), mas ainda não tinha um jornal impresso diário e relevante, produzido no município. Por sua vez, a capital detinha influência sobre a opinião pública e a tradição do jornal O Estado, fundado em 1915, o mais remoto em circulação em Santa Catarina, até 2008. Ele foi pioneiro na década de 1960 por modernizar a área gráfica com a impressora *rotoplana*.

Em Joinville, o jornal A Notícia, lançado em 1923 estava em crescimento. Em Blumenau, o único representante capaz de projetar a cidade no Estado, era o diário A Nação, inaugurado em 1943 por Honorato Tomelim. Posteriormente, foi incorporado aos Diários Associados, de Assis Chateaubriand. Em dezembro de 1970 os empresários Wilson de Freitas Melro, Caetano Deeke de Figueiredo e Flávio de Almeida Coelho, diretores da TV Coligadas, rascunhavam a possibilidade de criar um jornal estadual dando pistas que uma ambiciosa concepção estava por surgir. O projeto se concretizou em 1971, dando origem a um importante veículo na história de Santa Catarina, com destacada participação na cobertura de eventos históricos para o Vale do Itajaí, entre os quais, as enchentes que frequentemente assolam a região. Neste sentido, o presente trabalho tem o objetivo de analisar o papel do Santa na cobertura das cheias do Vale do Itajaí. Para isso, realiza uma pesquisa básica (quanto à natureza do estudo), qualitativa (quanto à abordagem do problema) e exploratória (no que se refere aos objetivos). Quanto aos procedimentos técnicos para a realização do trabalho, emprega-se a pesquisa bibliográfica. As principais fontes de consulta foram Bacca (2000); Frank (1995); Fernandes (2005); Mattedi (1999), Reis e Zaboenco (2010).

### **Jornal de Santa Catarina, 40 anos de informação.**

Os relatos aqui descritos sobre a história do Santa e seu compromisso na cobertura das cheias no Vale do Itajaí, utilizaram como referência à edição especial do próprio veículo, em comemoração aos seus 40 anos de publicação (JORNAL DE SANTA CATARINA, 2013). Em 22 de setembro de 1971, o grupo de empreendedores citados anteriormente, deu origem ao Jornal de Santa Catarina. A manchete da primeira edição revelava que, que até então, apenas Florianópolis e Lages tinham rede de esgoto



entre os 197 municípios do Estado. O título já demonstrava um forte compromisso com a comunidade regional e com as demais batalhas que viriam pela frente. Nessa década, a população era de 100.281 blumenauenses. A economia estava no auge da indústria têxtil, com empresas inserindo novos equipamentos para o incremento da produção, visando o mercado externo (ACIB, 1989). Nesse período da história, o Brasil vivenciava a Ditadura Militar, a censura da imprensa, a vigência do AI-5<sup>4</sup> e das repressões a manifestações que destoassem do regime militar.

Com publicações diárias e de abrangência estadual, suas pautas eram baseadas nos acontecimentos do município de Blumenau e sucursais espalhadas pelo Estado. No início da década de 1980 foi o primeiro do Estado a usar impressão *offset*, seu formato *standard* e a diagramação eram inspirados na Folha de S. Paulo. A redação era formada por 40 jornalistas, dos quais aproximadamente 20 vieram de Porto Alegre, “onde os cursos de Jornalismo da Universidade Federal e da Universidade Católica já tinham 20 anos de tradição” (FERNANDES, 2005, p. 9). A equipe totalizava 200 funcionários, entre técnicos em fotografia, fotógrafos, gráficos e operadores de rotativa. Pelo telex, notícias internacionais chegavam à redação direto de uma central em Nova York. As fotos das agências nacionais e internacionais, por sua vez, utilizavam a “radiofoto”, um aparato que codificava as imagens em sinais de rádio. A decodificação de cada foto durava em média sete minutos. Em 31 julho, desse mesmo ano, são dados os primeiros passos para a edição colorida, aplicando-se tons da cor azul em boxes e retrancas.

Na enchente de 1983, o Santa publicou um suplemento especial, que só chegou às mãos da população oito dias após o início da catástrofe, narrando o drama vivido pelos catarinenses. “Parte da equipe passou dias ilhada na sede [...], na rua São Paulo. Os funcionários se alimentavam através de doações. Foram quase duas semanas na cobertura” (JORNAL DE SANTA CATARINA, 2013). A publicação lhe rendeu o primeiro Prêmio Esso. Na sequência, o veículo lançou uma campanha com a finalidade de motivar os munícipes atingidos pelas cheias, organizado em torno do lema: “Catarinenses! Vamos nos unir para reconstruir”, que passou a circular impresso nas

---

<sup>4</sup> O Ato Institucional Número 5 foi o quinto de uma série de decretos emitidos pelo regime militar brasileiro nos anos seguintes ao Golpe militar de 1964 no Brasil. Sobrepondo-se à Constituição de 24 de janeiro de 1967 e às constituições estaduais, dava poderes extraordinários ao Presidente da República e suspendia várias garantias constitucionais, como o direito de expressão.



suas edições.

A volta das cheias, em 1984, novamente impediu a circulação do jornal, que dessa vez publicou uma edição composta pelos quatro dias em que não pode ser distribuído. Essas duas enchentes foram um dos fatores que resultaram na criação da Oktoberfest. Dois anos após a criação da festa, o Santa lança o Oktoberzeitung, um caderno sobre o evento que aos poucos ganhava uma maior dimensão. Além de mostrar os benefícios do efeito Oktober pós-tragédia, o jornal também criticava e questionava o preço dos ingressos e do chope. Essa década também é marcada pelo encarte “JSC Criança”, que promovia concursos, oferecia jogos e entretenimento para o público infantil. Na década de 1990, uma tragédia no Distrito do Garcia marcou o veículo com uma edição extra. A cobertura da enxurrada contabilizou os estragos que “atingiu 1.310 casas, das quais 286 foram danificadas e 66 foram totalmente destruídas, 754 pessoas ficaram desabrigadas”. (BACCA, 2000, p. 43)

Em 1992, o jornal se incorporou ao Grupo RBS - Rede Brasil Sul, sendo o segundo jornal do grupo no Estado e representando “um grande portal de entrada da RBS naquele importante mercado de anunciantes e leitores” (FERNANDES, 2000, p. 84). No mesmo ano, entrou em uma nova era tecnológica, ao informatizar sua redação. Lançou o “Caderno de Informática”, que informava sobre as novidades e a democratização das novas ferramentas. Em 1994, adotou a impressão totalmente em cores e modernizou o projeto gráfico, explorando mais as fotografias. Foi pioneiro ao disponibilizar uma versão online em 1996, inaugurando seu site ([www.santa.com.br](http://www.santa.com.br)). No entanto, o espaço não foi aproveitado para explorar as ferramentas midiáticas do jornalismo digital. Sua circulação, em 2000, abrangia 46 municípios, com uma tiragem média diária de 20 mil exemplares. Acompanhando a tendência dos demais veículos do mundo, o jornal muda seu *layout* até então *standart* e, em 2004, adota o formato tabloide.

Na tragédia de 2008, a maioria dos colaboradores do veículo não conseguiu chegar à sede do jornal. Os poucos que vieram, tiveram que dormir na redação durante o fim de semana. A entrega da publicação foi prejudicada e não chegou a todos os leitores. Mesmo assim, o engajamento da equipe na cobertura da catástrofe resultou em mais um Prêmio Esso. A *home page* do Santa na internet passa a adotar textos com as



características da webjornalismo, e insere os primeiros *hyperlinks* apenas em maio de 2009.

O ano de 2010 é marcado pela adesão às redes sociais virtuais Twitter e Facebook, realizando coberturas em tempo real e se aproximando do leitor, que tem a possibilidade de comentar e é convidado a participar das publicações. O jornal passa a ser disponibilizado para leitura online em *tablets* e *smartphones*. Em setembro de 2011, as cheias do Rio Itajaí Açu marcaram o site do jornal, que teve um papel importante na atualização, com 24 horas de informações sobre o nível do rio e prestando serviços à comunidade. As edições impressas valorizaram as chocantes imagens da enchente. Pela primeira vez na história, o Santa usou uma única foto na capa e contracapa. Atualmente o jornal circula de segunda a sábado, com uma edição conjunta no fim de semana. Abrange toda a região do Vale do Itajaí e Litoral Norte de Santa Catarina, com um caderno especial lançado em 2012, O Sol Diário.

### **Blumenau, uma geografia propicia aos desastres.**

Os desastres que acontecem no Brasil, notadamente, são climáticos. Na bacia do Rio Itajaí-Açu, se manifestam através de enxurradas, enchentes e escorregamentos de encostas. Esses eventos se associam à degradação de áreas frágeis, ao desmatamento e à ocupação irregular do espaço. As catástrofes naturais, no senso comum, estão vinculadas a um evento natural destrutivo, de fatalidade, o qual provoca calamidades, tragédias ou catástrofes. Entretanto, os resultados são gerados ou potencializados pelo homem, que opera sobre um ecossistema vulnerável. As condições naturais e sociais se unem para formar os desastres, como os observados em 2011 no Vale do Itajaí. Nesse sentido, tais desastres deveriam denominar-se socionaturais ou socioambientais, pois a natureza por si só não provoca desastres. Sua intensidade está ligada à interferência humana. (MATTEDI, 2000)

Sendo assim, é necessário contextualizar-se importantes particularidades da cidade de Blumenau, que está situada no Nordeste de Santa Catarina, a 21 metros acima do nível do mar. Ela é o centro da região metropolitana do Vale do Itajaí, composta por 16 municípios. A cidade é praticamente toda montanhosa, tem clima temperado e úmido, com a possibilidade de no verão chegar a picos de 40°. Faz fronteira ao Norte



com os municípios de Massaranduba e Jaraguá do Sul, ao Sul com Guabiruba, Botuverá, ao oeste com Indaial e Pomerode e a leste com Massaranduba, Luiz Alves e Gaspar.

Seu território é de 519,8km<sup>2</sup>, com acessos pela Rodovia Jorge Lacerda (BR 470) e pela Rodovia Guilherme Jensen (SC 474), que liga Blumenau a Massaranduba, Guarimirim e Jaraguá do Sul. A BR 470 atravessa o município no sentido Leste/Oeste e faz ligação, para Leste, com os municípios de Luis Alves, Navegantes, Itajaí e BR 101. Para Oeste, com Pomerode, Indaial, Timbó e o restante dos municípios do Vale do Itajaí, e com o Planalto Catarinense. Seu relevo possui faixas de terrenos com atributos distintos, com evidência na região Sul para as serras e no Norte até os vales, onde desenha um conjunto ao longo da Bacia do Rio Itajaí-Açú e de Massaranduba. Os principais morros presentes na região e suas respectivas divisas são: Santo Antônio (970m); Spitzkopf (920m); Do Cachorro (830m); e Da Cruz (700m).

O município é uma ampla depressão, composta por morros e serras, cortada pelo Rio Itajaí Açú, no passado o principal meio de transporte da região. Kormann (1994) subdividiu a cidade em quatro vales: Garcia, Itoupavas, Velha e o Teste do Salto. O tipo de solo, da região de Blumenau exhibe quatro tipos distintos: PVL<sub>a</sub> (Podzólico, Vermelho-Amarelo Latossólico álico); Ca (Cambissolo álico); Cd (Cambissolo distrófico) e HGPD (Glei Húmico distrófico). Apresentam uma admirável quantidade de volumes, que se diferenciam entre si por sua organização, constituição e comportamento. A vegetação principal do Vale do Itajaí, segundo Siebert (1996), é composta pela Mata Atlântica (Floresta Ombrófila Densa), formada por diversos e distintos agrupamentos, já que as encostas apresentam declividade, resultando em vales profundos e estreitos. A região direcionou a topografia para a utilização do solo agrícola ou pastoril, o que ocasionou que em 1986 já tivesse 70% de área desmatada (BACCA, 2000).

Ocupações irregulares, tais como os loteamentos Tubarão (Rua São Boaventura); Morro Hadlich (Garcia), Morro do Arthur e do Jerônimo Correia (Progresso) e o Morro Dona Edith (Velha), causam, além do desmatamento, a contaminação por falta de saneamento básico e entulhos domésticos, que afetam a composição do solo e este por sua vez influenciam o tipo de vegetação (BACCA, 2000,

p. 43). Tal realidade, somada a ocorrência de chuvas, provoca a destruição dos solos, a ausência da camada protetora de folhas e árvores, faz com que as águas sigam seu curso livremente e levem o que tiver no caminho. Esta conjuntura geográfica oportuniza enchentes, deslizamentos, enxurradas e erosões.

A Tabela 1 lista os picos de todas as enchentes registrados na Bacia do Rio Itajaí-Açu durante os anos em que o Santa realizou a cobertura dos eventos climáticos<sup>5</sup>.

**Tabela 1 - Principais enchentes desencadeadas no Vale do Itajaí de 1971 à 2011**

Ano	Data	Apiúna	Blumenau	Brusque	Gaspar	Ibirama	Indaial	Rio do Sul	Salto	Timbó
1971	10/06	4.8	10.1			4.46	5.32	7	13.5	3.5
1972	29/08	5.58	11.07			4.1	5.5	9.15	14	4
1973	25/06	5.58	11.05			5	5.76	6.6	14.3	4.9
1973	22/07	3.94	9.1			3.55	4.74	7.15	12.7	5.6
1973	29/08	5.8	12.24			4.65	6.1	8.1	15.1	6.28
1975	04/10	6.5	12.4			5.7	6.34	7.88	15.4	6.07
1977	18/08	4.75	9.25			3	4.96	8.85	13.1	2.9
1978	26/12	5.6	11.45			4.9	5.94	6.75	14.7	5.5
1979	10/05	4.7	9.75			4.4	5.32	5.6	13.5	5.15
1979	09/10	6.12	10.2			6.05	5.64	5.9	13.8	4.7
1980	22/12	7.85	13.02			5.5	7.1	7.2	16.4	6.46
1983	04/03	5.34	10.35			5.2	5.58	5.8	13.95	5.1
1983	20/05	7.12	12.46			6.35	6.72	7.35	15.6	6.7
1983	09/07	8.46	15.34		11.67	7.15	7.76	13.58	18.6	8.7
1983	24/09	6.14	11.5			5.48	6.06	7.6	14.9	5.55
1984	7/08	8.96	15.46		11.55	6.65	8.04	12.8	18.75	7.75
1990	21/07	4.42	8.82		7.28	4.13		6.92		5.7
1992	29/05	6.55	12.8		9.92	5.87	7.12	7.92	16.7	9.75
1992	01/07	5.9	10.62		8.58	4.98	6.14	8.36	14.8	6.16
1997	01/02	5.88	9.44		7.48	3.6	5.49	8.72		6.2
2001	01/10	7.96	11.02		8.24		6.54	9.1		7.95
2008	24/11		11.72							8.22
2010	26/05	5.75	8.64			4		6.92		7.11
2011	31/08	6.06	8.7			3.81	5.83	8.76		6.21
2011	09/09	8.54	12.8	10.21	9.42	4.97	7.6	12.98		9.86

Fonte: Dados do CEOPS – Centro de Operação do Sistema de Alerta. Disponível em <[http://ceops.furb.br/index.php?option=com\\_wrapper&view=wrapper&Itemid=42](http://ceops.furb.br/index.php?option=com_wrapper&view=wrapper&Itemid=42)>. Acessado em 8 de novembro de 2013.

<sup>5</sup> Encontram-se referências alusivas às enchentes do Vale do Itajaí em publicações relativas a distintas temáticas, tais como Butzke (1995); Frank (1995); Lago (1983), Mattedi (1999); Pellizzetti (1985); Pompílio (1990); Renaux (1987) e Silva (1972).



A história dos desastres do Vale do Itajaí leva em conta três fatos interligados. O primeiro diz respeito à colonização e à identidade étnica; o segundo ao desenvolvimento social e econômico, que teve como base a indústria têxtil e o consequente processo de urbanização do território; e por fim a intensificação da depredação ambiental e a problemática dos desastres. Em relação ao processo histórico, é fato que a colonização do Vale do Itajaí foi fundamental para a abertura da comunicação entre o litoral e o planalto. Contudo, a expansão urbana associada à ocupação de áreas inundáveis e a ocupação das encostas, desencadeou um intenso histórico de tragédias, identificando o Vale do Itajaí, em especial Blumenau, como um território de vulnerabilidade. Constatase o crescente número de enchentes a partir de 1910, período que coincide com o princípio do desenvolvimento da colonização em toda bacia hidrográfica. (FRANK, 1995)

As inundações são parte da história da cidade e marcam sua capacidade de superar tragédias naturais e valorizar a cultura local. Com grandes precipitações pluviométricas, seu território forma um canal de passagem das águas, o que se torna uma condição incontrolável em épocas de grandes chuvas (BELZ, 2000). Com quase todos os morros transformados em residências e a quantidade de chuvas superior ao estimado como normal, descem por suas encostas lama que inunda e leva diversas casas, vidas e sonhos de uma cidade.

### **A cobertura das enchentes**

Em desastres como os descritos anteriormente, os meios de comunicação cumprem um papel social ao prestar um serviço de interesse público junto da comunidade, ao informar e orientar sobre os acontecimentos pertinentes ao assunto. O rádio em Blumenau e no Vale do Itajaí detém um histórico de coberturas a enchentes e catástrofes naturais no período das cheias nos anos de 1983 e 1984, além da trágica enxurrada de 1990, que atingiu o sul do município, destacadas por Darolt e Reis (2009). O rádio atendeu essa demanda por informação com a participação dos ouvintes, prestando informações essenciais nestes períodos de crise (ROSEMBROCK; MULLER,





2009)<sup>6</sup>. Atualmente, o município de Blumenau possui 13 emissoras de rádio, sendo cinco AM's comerciais, seis FM's comerciais, uma FM educativa e uma FM comunitária.

As enchentes de 1983 e 1984 isolaram parte da cidade. A falta de energia elétrica e a interrupção de linhas telefônicas comprometeram a cobertura do Santa, assim como a sua distribuição na cidade. Posteriormente, a qualidade trabalho desenvolvido pelo jornal em apurar os detalhes do acontecimento rendeu o primeiro Prêmio Esso para o veículo.

No grande desastre socioambiental de 2008, a afinidade entre o desenvolvimento regional e o meio ambiente fica explícita. A soma desses fatores comprometeu a cobertura e conseqüentemente a distribuição do Santa, que não explorava o potencia do seu *website*. Sequer *links* eram oferecidos nas matérias e tampouco o texto era adaptado para a leitura *online*. O veículo também tinha perfis em redes sociais virtuais, que começavam a ganhar adeptos e a serem utilizadas por alguns munícipes que detinham habilidades na plataforma. Eles concentraram e distribuíram informações fazendo parte do papel que deveria ser dos veículos oficiais. Um diferencial tecnológico nesse caso foi a telefonia móvel, que permitia a transmissão de dados através de SMS (sigla em inglês para *Short Message Service*). Vale destacar que essa modalidade surgiu de 1999 para o ano 2000. Muitos atingidos fizeram uso desse recurso para se comunicarem durante o ocorrido. No passado, os telefones de linhas fixas eram distantes uns dos outros e não eram acessíveis para todos, dependendo do cabeamento da rede para funcionar.

Um destaque deve ser atribuído ao blog *Alles Blau*<sup>7</sup>, que reuniu todo o conteúdo que era divulgado nas redes sociais e nas emissoras de rádios que conseguiam operar durante o caos que se instaurou na cidade, fenômeno estudado por Reis e Zaboenco (2010). Ele serviu como fonte para muitos profissionais e conseqüentemente case de comunicação, debatido e estudado por diversos acadêmicos.

Em setembro de 2011, as cheias do Rio Itajaí Açú marcaram mais uma vez a

---

<sup>6</sup> Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul e realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

<sup>7</sup> ALLES BLAU disponível em: <http://allesblau.wordpress.com/2008/11/24/enchente-blumenau-allesblau-no-estadao/>. Acessado em 22 mai. de 2013.



cidade fundada pelo farmacêutico Dr. Blumenau. A população, as autoridades e os veículos de comunicação já estavam familiarizados com a utilização das mídias digitais e souberam tirar proveito delas para cumprir o papel onde os meios tradicionais não conseguiam operar.

Entretanto, as cheias na região permitiram o acesso às informações de uma maneira mais abrangente que nas enchentes de 1983, 1984 e 2008, graças ao desenvolvimento das mídias tradicionais de massa, os avanços tecnológicos e a ascensão de novas mídias. As notícias se propagaram pela Internet em portais como Terra, G1, UOL, Folha de S. Paulo, Estado de S. Paulo e etc. Nos sites de relacionamento, o assunto também se propagou em *blogs*, Twitter, Facebook e Youtube. Uma característica desse evento foi que partes da cidade permaneceram isoladas mas com energia elétrica, sinal de internet e TV a cabo. Isso deu a condição de que as informações produzidas pelo Jornal de Santa Catarina fossem replicadas e compartilhadas pela população com a finalidade de fazer ecoar na rede mundial de computadores os acontecimentos que assolavam a cidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou descrever e analisar o histórico papel do Jornal de Santa Catarina na cobertura das enchentes no Vale do Itajaí. O Santa é o principal veículo de comunicação da região, que historicamente é assolada por eventos climáticos. A realização deste trabalho permitiu identificar que de 1971 a 2013, o jornal cobriu 25 enchentes, com picos que variaram de três a 18,75 metros de altura. Neste contexto, os eventos mais importantes foram as enchentes de 1983 e 1984, a enxurrada de 1990, a grande catástrofe de 2008 e as cheias de 2011.

Ao traçar esse quadro foi possível identificar que em tal percurso o jornal foi incorporando diferentes tecnologias na cobertura dos fatos. Em 1983 e 1984, o rádio foi um grande aliado do veículo, graças à sua mobilidade e à participação dos ouvintes, que supriram as necessidades do Santa pelas dificuldades inerentes ao desastre. Em 1990, o panorama não se alterou muito.

A mudança na cobertura dos eventos climáticos e na adoção de novas tecnologias ocorre a partir da grande tragédia de 2008. Nesse ano, nota-se o emprego de



algumas plataformas digitais e de redes sociais virtuais, como *blogs*, MSN, Orkut, Twitter (com tímidas participações), *smartphones* e demais aparelhos de telefonia móvel. Tais meios de comunicação foram utilizados por populares e deram mobilidade e agilidade à distribuição das informações, o que permitiu romper os limites de tempo e espaço na cobertura jornalística. Entretanto, ainda nesse período é possível identificar que o Santa não explorava todas as potencialidades dessas novas mídias.

Nesse sentido, se pode afirmar que a enchente de 2011 constitui um marco para a cobertura do jornal de Santa Catarina no que se refere à incorporação de novas tecnologias. Ao explorar seu site e utilizar *hyperlinks*, vídeos, galeria de fotos, infográficos, atualizações em tempo real, *blogs* e redes sociais virtuais, o veículo cria um novo paradigma para a cobertura de enchentes no Vale do Itajaí.

Atualmente, o jornal acompanha a velocidade da tecnologia, mantém perfis atuantes no Twitter e Facebook, além de oferecer recursos digitais que possibilitam o acompanhamento em tempo real de notícias, como transmissões esportivas, audiências judiciais e eventos climáticos.

Graças à compreensão e utilização de tais recursos midiáticos, o jornal passa a ter presença e relevância *online*, ambiente em que a “comunicação de massa, passou à segmentação, adequação ao público e individualização, a partir do momento em que a tecnologia, empresas e instituições permitiram essas iniciativas” (CASTELLS, 2010, p. 422). E assim o veículo supera os possíveis transtornos operacionais que poderiam surgir e influenciar na distribuição física do mesmo.

Por um lado, temos todos esses recursos avançados sendo empregados. Porém, em outro extremo, vale destacar que o processo de inserção tecnológica no Brasil não segue uma ordem cronológica de vivência, familiaridade e consumo de tecnologia. Um indivíduo dificilmente adota uma escala crescente de consumo: *desktop*, *notebook*, *smartphone* e *tablet*. A popularização dos valores para se adquirir produtos tecnológicos atualizados, somada às formas parceladas de realizar os pagamentos, resulta no cenário onde o primeiro contato com a *web* é realizado diretamente em um aparelho celular com conexão 3G.

Esses diferentes grupos sociais passam a se incorporar com os demais, como se estivessem em uma grande teia. Primo e Recuero (2003) afirmam que essas tecnologias



viabilizam a constituição de uma “web viva”, pois passa a ser redigida e interligada pelos próprios usuários.

A despeito disso, o Santa cumpre um importante papel na cobertura de tragédias dessa natureza, quando passa a ser o porta-voz oficial de grande parte das informações, uma vez que seus profissionais aprofundam e apuram todos os dados desconexos na grande rede, organizando-os dentro da ética do jornalismo. Essa postura reafirma seu compromisso com a sociedade e tal procedimento contribui para qualificar os conteúdos que circulam em plataformas digitais.

## Referências

ACIB, Associação Comercial e Industrial de Blumenau. ACIB Blumenau 90 anos de memória. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1989.

BACCA, Lauro Eduardo. Considerações e opiniões sobre a questão ambiental: o caso de Blumenau, SC. Dynamics: Revista tecno-científica, v. 8, n. 33 - parte II, p. 36-56, out./dez. 2000.

BELZ, Egon. Exposição de motivos para a agilização do planejamento urbano de Blumenau. SC Dynamics: Revista tecno-científica, v. 8, n. 33 - parte II, p. 36-56, out./dez. 2000.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. v 1. 13. reimpr. Trad. Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

DAROLT, E.; Reis, C. . A contribuição da Internet para a cobertura das emissoras de rádio de Blumenau/SC durante o desastre socioambiental de 2008: Uma análise a partir da percepção dos profissionais do meio. Linguagens: Revista de Letras, Artes e Comunicação (FURB), v. 3, p. 313-324, 2009.

FERNANDES, Mario Luiz. A força do jornal do interior. Itajaí: Ed. da Univali, 2003.

FERNANDES, Mario Luiz. A mídia no Vale do Itajaí. In: BALDESSAR, M.J., CHRISTOFOLETTI, R. Jornalismo em perspectiva. Florianópolis: UFSC, 2005.

FRANK, Beate. Uma abordagem para o gerenciamento ambiental a Bacia Hidrográfica do Rio Itajaí, com ênfase no problema das enchentes. Tese. Florianópolis, 1995.

KORMANN, Edith. Arte, cultura e as histórias de sua gente (1850-1985). Blumenau: Florianópolis: Paralelo 27, 1994.

MATTEDI, M. A.. Subsídios para a análise das relações da sociedade: Natureza no Vale do Itajaí. In: THEIS, I. M.; MATTEDI, M. A.; TOMIO, F. R. L. (org.). Nosso passado



50 anos do Golpe Militar de 64

*"A história que a mídia faz,  
conta ou não conta"*

(in) comum. Contribuições para o debate sobre a história e a historiografia de Blumenau. Blumenau: Edifurb/Ed. Cultura em Movimento, 2000. p. 215-241.

MULLER, C. B.. Entrevista concedida. Blumenau, 20 mai. 2009.

PETRY, Sueli Vanzuita. A Imprensa em Blumenau. In: SEMINÁRIO SOBRE A HISTÓRIA DA COMUNICAÇÃO EM SANTA CATARINA, 1., 2006, Blumenau. [Blumenau : s. n.], 2006. p. 5-17.

PRIMO, Alex, Recuero, Raquel - Hipertexto cooperativo: uma análise da escrita coletiva a partir dos blogs e da Wikipédia. Revista FAMECOS. Porto Alegre, nº 22, dezembro 2003 (quadrimestral), p. 55/57.

REIS, C.; Zaboenco, G. A. (2010). O relato do desastre socioambiental de novembro de 2008 em Blumenau (SC) nas redes sociais da internet. Florianópolis: V Encontro Nacional da Anppas.

ROSENBROCK, J. R. Entrevista concedida. Timbó, 21 mai. de 2009.

SIEBERT, C. Estruturação e Desenvolvimento da Rede Urbana do Vale do Itajaí. Blumenau: EDIFURB, 1996.

SILVA, José Ferreira da. A Imprensa em Blumenau. Florianópolis: IOESC, 1977.